

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

Júlia Contursi Arisi

**RECONSTRUINDO NARRATIVAS
valorização da mulher artista no ensino de artes visuais na escola**

Porto Alegre

Júlia Contursi Arisi

RECONSTRUINDO NARRATIVAS
valorização da mulher artista no ensino de artes visuais na escola

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizado sob orientação da Prof^a Dr^a Dorcas Weber.

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Contursi Arisi, Júlia
RECONSTRUINDO NARRATIVAS valorização da mulher
artista no ensino de artes visuais na escola / Júlia
Contursi Arisi. -- 2023.
49 f.
Orientador: Dorcas Weber.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2023.

1. A MULHER NA SOCIEDADE. 2. MULHERES ARTISTAS. 3.
MULHERES ARTISTAS NO ENSINO DE ARTE ESCOLAR. I. Weber,
Dorcas, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

O mundo precisa de mais artistas mulheres, porque só assim a arte pode ser um reflexo mais completo e preciso da sociedade.

Adriana Varejão

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha orientadora do TCC, Professora Dorcas Weber, pela dedicação incansável, orientação precisa e apoio constante ao longo deste percurso. Seu profissionalismo, aliado a uma abordagem atenciosa, tornou essa jornada desafiadora mais clara e gratificante.

Também gostaria de estender meus agradecimentos aos meus pais e sogros, cujo suporte emocional foi um verdadeiro alicerce. Seus encorajamentos e palavras de incentivo foram fundamentais para manter minha motivação intacta.

Minha família e amigos merecem um reconhecimento especial. Cada vitória, por menor que fosse, foi comemorada com eles, tornando cada etapa do caminho mais especial e significativa.

Por fim, dedico um agradecimento especial à minha esposa, Gabrieli. Sua presença constante e apoio durante todo o processo de escrita foram essenciais para eu enfrentar os desafios com força e determinação. Nossa relação me inspira para que como artista mulher e lesbica, possa levar para sala de aula inspirações de artistas mulheres, representações de lutas e igualdade.

A todos os mencionados, meu sincero e profundo agradecimento por fazerem parte desta jornada marcante. Cada um de vocês contribuiu para meu crescimento pessoal e profissional, e sou grata por essa incrível rede de apoio.

RESUMO

O presente trabalho teve como motivação preencher lacunas percebidas no ensino de Artes Visuais relacionadas à presença limitada de artistas visuais mulheres nos repertórios utilizados nas escolas. A presença ou ausência, de modo geral, da mulher na sociedade tem sido pauta constante e, para compreender isso, foi importante conhecer um pouco sobre a mulher no contexto social ampliado e, em especial, na arte. Tais estudos apontam as lutas e desafios enfrentados pelas mulheres para conquistar reconhecimento e direitos. No contexto das Artes Visuais, algumas artistas podem ser destacadas por seus enfrentamentos para serem reconhecidas, tais como: Artemisia Gentileschi, Margaret Keane, Frida Kahlo, entre outras. A partir desses estudos teóricos, foi desenvolvido um projeto de ensino, realizado em uma escola de Ensino Fundamental, com o objetivo de ampliar o conhecimento dos alunos sobre artistas mulheres e suas produções. Por fim, o projeto estimulou o interesse e empatia dos alunos, promovendo a compreensão das lutas de gênero e a importância das artistas mulheres na história da arte. Assim, percebe-se que a inclusão de repertório diversificado é essencial para um ensino mais abrangente e igualitário, impactando positivamente no presente e no futuro.

Palavras-chave: Mulheres artistas; Artes Visuais; Ensino de arte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 A MULHER NA SOCIEDADE	11
2 MULHERES ARTISTAS	15
Artemisia Gentileschi (1593-1656)	19
Margaret Keane (1927-2022)	21
Frida Kahlo (1907-1954)	23
Louise Bourgeois (1911-2010)	26
Barbara Kruger (1945-)	29
Rosana Paulino (1967-)	31
3 MULHERES ARTISTAS NO ENSINO DE ARTE ESCOLAR	33
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Nesse projeto busquei problematizar a presença da mulher no contexto da produção artística em Artes Visuais. São muitas as discussões sobre o que deve ser feito por uma mulher, e na Arte isso não é diferente. Logo nos nossos primeiros anos de vida já nos falam como devemos nos portar e agir, como mulheres. E isso é algo que tenho o objetivo de trazer para debate e entender um pouco sobre os motivos pelos quais nem sempre nos encaixamos nesses padrões que são, de certa forma, impostos.

Acredito que esta é uma situação coletiva, que necessita estar integrada às práticas escolares, já que é na escola que conhecemos nossas inspirações, vocações e formamos grande parte de quem seremos no futuro. Por isso, levar este assunto para o debate nos diferentes níveis escolares pode tornar mais fácil a compreensão deste contexto e seus efeitos na sociedade, questões que são incômodas e que fazem parte do nosso trajeto como pessoas e artistas.

Durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais, por muitas vezes me questionei se seria capaz de me tornar uma artista de verdade, sem nem compreender direito o que seria uma “artista de verdade”. Então, uma questão que frequentava meus pensamentos era: : onde é meu lugar como artista e mulher? Como chego lá?

Sinto a necessidade de levar para sala de aula, o conhecimento sobre a existência de artistas mulheres e sobre como isso pode ser amplo e abranger diversos contextos (histórico, geográfico, cultural, artístico e etc). Fui estudante de escola pública a vida inteira e, felizmente, sempre tive professoras mulheres no ensino de artes. Estas mulheres, me inspiraram e despertaram esse desejo de ser artista e professora. Eram outros tempos, e considero as aulas que tive de suma importância para me tornar quem sou hoje, inclusive pelas ausências de repertório, as quais hoje tenho consciência. Me encantei com o mundo da arte que me foi apresentado em aula, as pinturas, os artistas e as possibilidades de me expressar. Não conheci artistas mulheres naquele período, e demorei a perceber essa lacuna. Por que todas minhas professoras

eram mulheres, mas nós só estudávamos artistas homens?

Ainda gosto dos artistas que conheci no contexto escolar, aqueles que a gente sempre estudou, o pacote básico: Van Gogh, Picasso, Leonardo da Vinci, Michelangelo, Monet, Salvador Dalí, Rembrandt, etc. A questão nunca foi sobre o grande destaque deles, mas sim as faltas de representação que ocorrem quando se restringe o repertório aos “grandes mestres”. Por exemplo, o pedestal em que foram colocados esses artistas e a falta de visibilidade que foi dada para artistas mulheres e outras minorias. Esses mesmos artistas são usados de exemplo para apresentar um período da arte, ou algum trabalho baseado em obra. Quando abrimos um livro didático de artes, temos que procurar esperançosas que tenham alguma referência a artistas mulheres.

Hoje nós estudamos e falamos sobre a importância da representatividade. O feminismo ganhou força e a urgência por visibilidade e respeito à mulher vem sendo uma das novas pautas políticas de forma mais forte nos últimos anos. E um dos pontos que me interessam defender é sobre a importância de trazer desde jovem a clareza sobre onde é que a mulher pode estar, e a resposta é simples, é onde ela quiser. Com isso, meu propósito, como docente, é levar para a escola um repertório de artistas mulheres, o seu contexto histórico para gerar discussões sobre a relevância destas artistas no meio em que vivemos (cultural, social, político...).

Para mim essa temática é super pessoal, mas por compreender que não é algo que incomode unicamente a mim, achei importante levar mais adiante. Acredito que é um grande problema crescer sem referências. Quando nós somos jovens e estamos, mais do que nunca, em constante mudança, a gente busca a reafirmação, o não estar só. Em muitos momentos da minha adolescência e infância, ouvi tantas vezes que nem sei contar nos dedos, que não podia fazer muitas coisas que queria, por ser mulher. O clássico “isso não é coisa de mulher/mocinha”.

Essa questão, me fez repensar os momentos onde não tive argumentos por não conhecer mulheres artistas, cientistas, engenheiras, presidentas... É claro que eu poderia pensar em ser pioneira, mas se essas mulheres já existiam, teria sido muito menos difícil dar o primeiro passo é perceber que não

era impossível.

No meu ponto de vista, é muito mais tranquilo percorrer um caminho sabendo que não está sozinha, pois nem sempre o apoio vem de onde a gente espera. Hoje em dia é muito mais comum encontrar representatividade, e quero fazer parte dessas pessoas que auxiliam em descobertas de novas artistas, ou até mesmo artistas que já existiam a anos, mas não tiveram espaço dentro da sala de aula.

Como professora e artista mulher, a pouca representatividade da mulher artista nos repertórios e estudos em sala de aula, é algo que me traz muito incômodo. Como disse antes, a mulher é praticamente ausente em livros didáticos e nos projetos de ensino como artista. Essa ausência ignora a artista e todo seu contexto histórico, como se não fizessemos parte da história e dos períodos artísticos.

Nosso trajeto histórico, como mulheres, nos limitou em vários contextos, e não é em todos que vamos ter uma voz ativa como gostaríamos. Acredito que quando nos é dada essa voz, a gente pode se empoderar dela, ou talvez não. Sempre nos disseram como a gente deveria se portar e agir, e o que mais defendo hoje em dia é a liberdade da mulher decidir o seu próprio lugar na sociedade e arte, juntas e também individualmente, cada uma com a sua particularidade, suas lutas diárias, suas vontades e planos.

Acredito que esse tema pode trazer uma quantidade significativa de debates e atividades. Pois é também em sala de aula que tudo começa, é onde podemos dar ideias e mostrar possibilidades que o meio artístico proporciona.

Meu intuito é que estes assuntos possam ser levados para dentro de uma sala de aula, acredito que não tenha lugar melhor para que esse tema se inicie. Além de trazer visibilidade, empoderamento e validação do trabalho dessas mulheres, ainda podemos nos inspirar e ser inspiradas por uma nova geração que ainda não sabe quais lugares uma mulher pode ter e ocupar. Isso não é apenas uma questão de feminismo, mas é também. Com isso, também vislumbro contemplar a outros jovens, não apenas mulheres, pois no final das contas, é uma mudança diária que tira o peso de ser sempre de uma única

forma para todos e todas. Um infinito de possibilidades para o que ser ou não ser. Simplesmente abrir as portas para as possibilidades e recebê-las sem julgamentos ou conceitos prévios, vindos de um preconceito ou limitação.

Neste sentido, este trabalho objetivou problematizar a mulher no contexto social e, em especial, a mulher como artista no contexto das Artes Visuais e, a partir disso, propor situações de aprendizagem, realizadas no contexto do ensino das Artes Visuais na escola, que ampliem os repertórios imagéticos, evidenciando produções criadas por mulheres. Esta pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro deles apresenta aspectos sobre a mulher na sociedade e as lutas realizadas por elas para a conquista de espaço. O segundo traz artistas visuais que advêm de contextos e tempos diversos, com produções diversas, conhecidas ou não tanto e, em especial, que tiveram grandes desafios para serem reconhecidas como artistas. No terceiro capítulo, são trazidas experiências realizadas no contexto escolar nas quais foram apresentados repertórios de artistas mulheres e debatidas questões que problematizam a mulher na sociedade.

1 A MULHER NA SOCIEDADE

A história da mulher na nossa sociedade é marcada por uma trajetória de lutas e desafios em busca de igualdade, reconhecimento e direitos. Conforme Cavalcanti (2005), “ao longo do ‘breve século XX’, as mulheres travaram batalhas por seus direitos e pela garantia de melhores condições de vida e trabalho” (p. 244). Foi um momento em que as mulheres lutaram para deixar os espaços limitados e ocupar, também, espaços públicos e exercer sua cidadania.

o processo histórico vivenciado nesse período foi ritmado pelo enfrentamento e pela busca das mulheres em adquirir os direitos dos quais estavam privadas e para construir uma dinâmica, uma práxis diferente da pretendida anteriormente, uma ordem exclusivista e de minorias ocultadas. (CAVALCANTI, 2005, p. 244).

Por um bom número de anos as mulheres não tiveram acesso à educação formal, direito ao voto, autorização para trabalhar ou pedir divórcio. A falta de direitos e visibilidade ao longo dos anos deixou marcas profundas na história das mulheres. Para conquistar esses lugares mínimos de respeito e qualidade de vida, foram incontáveis anos de luta, e na história percebemos várias marcas que essa falta de direito e visibilidade causou. Conquistar o direito de estar nesses lugares, não tornou sua presença imediatamente validada e, muito menos, teve o apoio de todos. As primeiras mulheres a ocuparem as universidades, a pedir divórcio ou reivindicar quaisquer direitos, não eram bem recebidas, na maioria das vezes. E, ainda hoje, em algumas dessas situações, sofrem com essa discriminação, pelo machismo naturalizado de caixinhas que colocam a mulher no lugar onde é mais conveniente para o homem ou para os “bons costumes”.

Esta luta por espaço na sociedade mobilizou, e ainda mobiliza, estudos relacionados às relações de gênero em distintos contextos socioculturais. A exemplo disso, Margaret Rago (1995, 2012) elabora estudos que abordam a complexidade da relação entre gênero e história, destacando as resistências e discriminações que as mulheres enfrentam ao buscar ocupar espaços tradicionalmente dominados pelos homens. A presença feminina nas universidades, por exemplo, não foi imediatamente validada e muitas vezes

encontrou resistência e discriminação. A mulher foi constantemente limitada por estereótipos e convenções sociais que a colocavam em uma posição subalterna, condicionada aos interesses masculinos e aos chamados "bons costumes".

Vale destacar que o século XX, constituiu um período de participação das mulheres em movimentos sociais, lutas por direitos reprodutivos, igualdade de gênero e representatividade política e, nele, conquistaram avanços significativos, mas elas ainda enfrentaram desafios persistentes relacionados à discriminação e opressão.

No contexto da história da arte o cenário é semelhante, ou seja, se reflete assim como na sociedade de modo geral, com o apagamento de artistas mulheres, como vemos na obra "A nova história da arte de Janson", de Horst Woldemar Janson. Davies (2010) afirma que para elaborar uma historiografia da mulher na arte, os estudos e movimentos feministas foram fundamentais. A autora relaciona, ainda, que assim como não temos grandes artistas visuais mulheres, também não temos grandes pianistas de jazz lituanos ou tenistas esquimós. A questão que se coloca aqui é: não temos artistas ou não sabemos que temos?

Em contrapartida, a história da arte evidencia alguns artistas, alguns deles chamados de grandes mestres, estes são todos homens, como Michelangelo ou Rembrandt, entre outros. Para se tornar um "grande mestre" ou um "gênio" da arte, portanto, seria necessário muito tempo para poder se dedicar aos estudos e ter acesso a todo material que permitisse desenvolver as técnicas e conhecer o corpo humano. O que nos traz novamente ao ponto de se questionar: para quem era essa possibilidade?.

Slatkin (1990) atenta que "uma mulher com numerosas gravidezes e que é responsável por cuidar de uma grande família terá certamente dificuldades de encontrar tempo para praticar uma atividade que exige aptidão como a pintura" (p. 1). Tudo isso para chegar em um ponto específico, que não podemos tomar essas situações como natural e devemos entender quais os motivos sociais que causaram este apagamento. É possível observar uma aparente diferença entre quem tem mais portas abertas "[...] não têm a sorte de nascer brancos,

classe média, de preferência, e acima de tudo, do sexo masculino” (NOCHLIN, 1973).

Estes “grandes artistas” ou “grandes mestres” que são referidos acima, são muitas vezes retratados como gênios, como se já fossem dotados de tal habilidade ou talento, sem dependerem de encorajamentos externos. Sendo assim, ser um “gênio” na arte, acabava se tornando algo feito para que apenas homens pudessem atuar. Como Nochlin (1973) apresenta, as mulheres quando podiam ter alguma formação, não recebiam o mesmo embasamento que os homens, pois não era permitido que participassem das aulas de modelos vivos nem algumas bases de pintura renascentista.

Já no século XVI, a mulher para iniciar no mundo da arte precisava conseguir um artista homem que pudesse treiná-la, e assim começar os seus estudos. E a forma mais comum de aprender, era fazendo cópias. Assim, “na maior parte, as jovens eram treinadas a fazer um produto, como uma Madona e Menino aceitável ou com boa semelhança, mas não mais que isso” (BORZELLO, 2000, p. 25) e, em sua maioria, não iam muito além de cópias. De acordo com Borzello (idem), naquela época, a gravura era uma técnica apropriada para mulheres, por ser uma técnica limpa e pequena.

Na maioria das vezes, as mulheres continuavam sendo vistas como em uma posição de inferioridade, mesmo aquelas aceitas como pupilas. Então, todos os estudos feitos pelas mulheres sobre anatomia, eram feitos a partir de cópias de outras pinturas, já que não tinham acesso ao corpo humano nú. Assim que era considerado que aprenderam o seu ofício, as mulheres poderiam, enfim, abrir seu próprio estúdio, mas isso também dependia da condição financeira, afinal, por muitas vezes estavam sob tutela de pais, irmãos ou maridos.

Com isso vemos que mesmo com um passo alcançado, sempre tinha um novo obstáculo para a mulher. Quando algumas mulheres alcançavam o reconhecimento, ainda tinham que lidar com o preconceito, o que podemos ver claramente numa carta de Artemisia Gentilesch (1593 – ca. 1656) a seus mecenas: “Vocês pensam que sou patética, porque um nome de mulher levanta dúvidas até que seu trabalho seja visto [...] Eu mostrarei a Vossa

Senhoria o que uma mulher pode fazer” (GARRARD apud BORZELLO, 2000, p. 55).

Com as mulheres sendo excluídas de espaços de aprendizagem e profissionalizantes, começou a se criar associações feitas por mulheres, como por exemplo a sociedade de mulheres artistas, em Londres, e a união das mulheres escultoras e pinturas, em Paris. Com o feminismo e o aumento das mulheres atuando no meio artístico, começaram a ter uma maior aceitação. Assim, um número maior de mulheres artistas foi ganhando espaço. Mas, para isso, algumas tiveram que lutar para conquistar seu espaço, como será apresentado a seguir.

2 MULHERES ARTISTAS

A trajetória da mulher nas artes é longa, e também não é uma história inteiramente romântica. Sabemos que em muitos cenários os espaços eram vistos como um lugar de homens e para conquistarmos esse protagonismo foram pequenos e grandes passos. Quando falamos de arte, muitos reconhecem alguns nomes, e posso dizer quase com certeza, que a maioria desses nomes são de homens, grandes artistas e mestres da arte. A questão não é problematizar o trabalho deles, mas compreender o motivo de não terem na ponta da língua nomes de grandes artistas mulheres também.

Alicia Puleo (2019) atenta que as sociedades patriarcais e machistas, onde a mulher tinha, ou tem, seu papel restringido a estar em casa cuidando da família e da casa, advém de concepções filosóficas que muito nos baseamos para construir as atuais sociedades. Tais concepções, criadas por pensadores homens, prezam o homem como ser pensante, político, criativo e indomável. Em contraponto, a mulher era considerada como a pacificadora, frágil, com o dever de cuidar do marido e da casa. Esse pensamento repercutiu muito ao longo da nossa história, e influencia diretamente em como as mulheres tiveram, e ainda têm, que lutar por seus direitos.

Como vimos anteriormente, a mulher não teve sempre o direito ao estudo, menos ainda ao ensino superior. Antes de poder frequentar esses espaços, muitas vezes, as mulheres que tinham algum artista na família, poderiam desenvolver seu trabalho na arte, como apontam Martha Narvaz e Silvia Koller (2006) ao dizer “o pensamento patriarcal tradicional envolve as proposições que tomam o poder do pai na família como origem e modelo de todas as relações de poder e autoridade, o que parece ter vigido nas épocas da Idade Média e da modernidade até o século XVII”¹. Portanto, era algo comum nessa época que o pai ou marido, tivesse que permitir essas mulheres a se tornarem artistas.

A inserção da mulher na arte, como artista, foi lenta e gradual, aos poucos algumas mulheres conseguiram ingressar nos estudos em academias

¹ Extraído em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkPBDpL4Xn/?lang=pt>. Acesso em: 22set2022.

de arte, como, por exemplo, Artemisia Gentileschi (1593-1653), que foi a primeira mulher a ingressar na academia de Belas Artes em Florença, segundo Margaret Imbroisi (2016), ainda que isso não trouxesse a mesma validação que os estudantes homens recebiam. Esse contexto explica sobre o motivo de não conhecermos, ou de conhecermos poucas mulheres artistas ao longo da história da arte. Junior Coneglian (2020), aponta que por anos mulheres artistas não foram estudadas ou sequer reconhecidas como donas das próprias obras, trazendo também a questão de autoria. Muitas dessas artistas tiveram a autoria de sua obra roubada por homens, por ter aprendido em seu atelier ou simplesmente ser considerada uma obra muito boa pra ter sido feita por uma mulher.

Além da dificuldade de provar autoria de suas obras, o contexto machista dificultou, de várias formas, o processo da mulher reconhecida como artista. Para Migliaccio (2021), essas artistas eram influenciadas a pintar cenas domésticas, mostrando também sua vida em casa, representando seu papel como esposa ou mãe. O autor, também deixou clara a conexão que faziam entre gênero e a arte ao dizer que “muitas entre elas se especializaram em gêneros que eram considerados mais adequados às supostas limitações do seu sexo: a pintura de retratos, de natureza morta e de flores, a iluminura”². Essas demandas reforçam um estereótipo de delicadeza da mulher, como se homens não pudessem retratar o mesmo “universo”, mesmo que Renoir (1841-1919) e Manet (1832-1883) também tenham retratado cenas domésticas. Naquela época, existia a ideia de que as mulheres não poderiam representar algo que não fosse frágil. Mas, com o passar do tempo foram surgindo divergências, como a artista Rosa Bonheur (1822-1899) que pintava quadros sobre a natureza selvagem e o trabalho no campo.

² Extraído em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/migliaccio-mulheres-artes-ea/>. Acesso em: 22set2022.

Figura 1. Moss Roses, Renoir, 1890, Óleo sobre tela.



Fonte: WikiArt. Extraída em: <https://www.wikiart.org/en/pierre-auguste-renoir/moss-roses/>. Acesso em: 20set2022.

Figura 2. A leitura, Manet, 1873, Óleo sobre tela.



Fonte: ArteARTISTAS Extraída em: <https://arteartistas.com.br/biografia-de-edouard-manet-e-suas-principais-obras/>. Acesso em: 20set2022.

Figura 3. Le marché aux chevaux (The Horse Fair), Rosa Bonheur, 1852, Óleo sobre tela.



Fonte: Buffaloakg Extraída em:
<https://buffaloakg.org/artworks/192716-le-marché-aux-chevaux-horse-fair>. Acesso em:
20set2022.

As mulheres pintaram, por muito tempo, o que era “permitido” para que pudessem continuar pintando. Uma escultora, Properzia De Rossi (1490-1530), foi acusada de usar a beleza dela para que encomendassem suas obras, e que isso seria injusto com os artistas homens.

Figura 4. Joseph and wife, Properzia de Rossi, 1520.



Fonte: Extraída em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Joseph_and_wife.jpg Acesso em
21set2022.

Ocorreram muitas injustiças, perdas de ateliês, roubos de autoria, desmerecimento de obras e outros tipos de agressões a essas artistas mulheres da nossa história. Porém, foram esses os antecedentes para que as

coisas pudessem mudar, foram elas as primeiras a entrar num universo que antes era impensável adentrar, e ser a primeira a tomar uma atitude e ação, é um ato inteiramente político que trouxe o direito de estudo, de voto, e de simplesmente poder querer ser quem as mulheres querem ser.

Nesse período de tempo, não foi apenas nas artes visuais que as mulheres lutavam pelos seus direitos e avançavam em espaços majoritariamente frequentados por homens. Foi também no meio da Música, Dança e Teatro. É muito mais seguro dar continuidade a algo que temos referência, e isso deu forças para uma nova geração de mulheres. A seguir serão destacadas algumas mulheres artistas que ao longo de seu percurso tiveram lutas para conquistar seu espaço e reconhecimento.

Artemisia Gentileschi (1593-1656)

Artemisia foi uma grande pintora do barroco, nasceu em Roma, em 1593. Atualmente é conhecida por ser uma das maiores pintoras do período. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia de Belas Artes de Florença, mas já conhecia a arte de perto, pois estudava com seu pai, também pintor. Era filha de um artista considerado importante na época, Orazio Gentileschi, autor de obras de teor religioso e paisagens.

A artista atualmente é conhecida, além de ser uma exímia pintora, por representar uma mulher forte que lutou por seus direitos, em uma época em que isso não era tão fácil ou bem visto. Foi violentada enquanto estudava pintura com um colega de seu pai, Agostino Tassi. Na época, o abuso sexual não era considerado crime contra mulher, era considerado “ir contra a honra da família”. Ainda assim, Artemisia o denunciou, e durante esse processo sofreu diversas humilhações e agressões físicas de quem duvidava do que ela passou. Mesmo com dificuldade, Agostino foi considerado culpado e foi condenado ao exílio de Roma, que nunca cumpriu.

Com todos esses ocorridos, o pai de Artemisia organizou um casamento arranjado para que pudesse “retratar” sua filha, que estava sendo considerada uma herege em Roma. Assim, ela se casou com Florentino Pierantonio

Stiattestie e se mudou para Florença, onde conseguiu crescer na carreira de pintora.

Pintava representações bíblicas e retratos. Sua arte teve muita influência de Caravaggio, expressava cenas fortes, com grande contraste. As mulheres que pintou, são conhecidas por serem mulheres fortes e decididas, se diferenciando do que era comum na época, quando a maioria das obras eram pintadas por homens e representava a mulher comumente como frágil, coagida e angelical. Trouxe uma certa rebeldia para suas obras, no melhor que a palavra “rebeldia” traz, confrontando os paradigmas impostos pela época. Deu personalidade para as mulheres representadas em seus quadros. Apresentou um outro pensamento sobre a anatomia da mulher na arte, explorando diversas facetas do feminino.

Infelizmente, muitas de suas obras tiveram a autoria roubada ou atribuídas por artistas homens, incluindo seu pai. Principalmente, quando começou a carreira como pintora, por ser muito jovem e ser uma das poucas mulheres inseridas no meio artístico, duvidavam da autoria de diversas pinturas de Artemisia. Muitas obras foram descobertas sendo da Artemisia anos após sua morte.

Figura 5. Judite Decapitando Holofernes, Artemisia Gentileschi, 1612, Óleo sobre tela.



Fonte: DasArtes. Extraída em:

<https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/tres-curiosidades-sobre-a-obra-prima-de-artemisia-gentileschi-base-da-historia-da-arte-feminista/>. Acesso em: 26jul/2022.

Figura 6. Suzana e os anciãos, Artemisia Gentileschi, 1610, Óleo sobre tela.



Fonte: WikiArt. Extraída em:
<https://www.wikiart.org/pt/artemisia-gentileschi/suzana-e-os-ancioes-1610>. Acesso em:
26jul/2022.

Margaret Keane (1927 - 2022)

Margaret Keane foi uma mulher pintora que nasceu em Nashville, Tennessee, nos EUA em 1927. Faleceu há pouco tempo, em junho de 2022. Conhecida por pintar mulheres e crianças com olhos gigantes. Estes olhos grandes eram a principal característica de suas obras, pois perdeu a audição quando era muito nova, com isso despertou uma vontade de explorar os outros sentidos, assim ela descobriu seu amor por passar seus sentimentos através dos olhos que pintava.

Seu percurso como artista foi complicado e no seu início passou por muitas dificuldades. Nos anos 50 e 60 suas obras ficaram muito conhecidas, mas sem ter sua autoria devidamente reconhecida. Margaret assinava as obras com seu nome de casada, Keane. Seu marido era Walter Keane, na época

trabalhava como corretor de imóveis, e sem que Margaret soubesse, ele vendeu muitos quadros como se fossem obras dele. Suas obras ficaram conhecidas por anos como sendo de Walter, que a mantinha presa no atelier para que produzisse, sob muitas ameaças a ela e sua filha.

Em 1970 ela se divorciou e anunciou que era a verdadeira artista, ainda foi muito questionada e desacreditada. Um jornalista organizou para que Margaret e Walter pudessem pintar um quadro em frente ao público, para que fosse possível dizer quem estava falando a verdade, e Walter sequer compareceu. Ainda assim, o caso foi ao tribunal para comprovar oficialmente a autoria de Margaret, que junto a vitória, recebeu uma indenização pelos danos sofridos.

Seus quadros eram conhecidos por serem sombrios e tristes. Mas após todo esse ocorrido, Margaret pode enfim expressar alegria através de suas obras e ter o devido reconhecimento por suas obras ao longo de sua vida. Em 2014, Tim Burton, um diretor de cinema e colecionador das obras de Keane, decidiu contar a história da artista. O filme “Big Eyes” conta a história de vida e luta de Margaret.

Figura 7. The Stray Signed, Margaret Keane, 1962, Óleo sobre tela.



Fonte: Keane Eyes Gallery. Extraída em: <https://www.keane-eyes.com/item/lithographs/stray-2/>. Acesso em: 31jul/2022.

Figura 8. Woman in harlequin make-up, Margaret Keane, 1969, Óleo sobre tela.



Fonte: Keane Eyes Gallery. Extraída em: <https://www.keane-eyes.com/item/paintings/portrait-of-woman-in-harlequin-make-up/>. Acesso em: 31jul2022.

Frida Kahlo (1907 - 1954)

É possível que se alguém não conhece a história e a obra da Frida, pelo menos já viu sua imagem estampada em bolsas, camisetas e quadros decorativos. Ela virou um símbolo do feminismo e luta com o passar dos anos. Nasceu em 1907, no México, teve sua trajetória marcada por dores, angústias, lutas e amores, sempre representando seus sentimentos em obras. Sua saúde era debilitada, quando criança teve poliomielite, o que trouxe sequelas a uma de suas pernas. Aos 18 anos sofreu um acidente no trânsito, no qual teve ferimentos graves e acabou ficando imobilizada e engessada por um longo período de tempo. Também se submeteu a mais de trinta cirurgias com a finalidade de reduzir os danos desse acidente e melhorar sua qualidade de vida. Mas as sequelas do ocorrido acompanharam a artista ao longo de sua vida. Foi um momento trágico, mas foi principalmente nesse momento que a pintura entrou em sua vida.

A partir dessa angústia e das dores, Frida começou a expressar seus sentimentos através da arte. Pintava tendo como referência o que via ao se olhar no espelho. Seu pai adaptou um cavalete para que ela pudesse pintar deitada. E foi assim que Frida começou a pintar uma série de autorretratos. Do total de 143 pinturas que criou, 55 são autorretratos.

Quando voltou a andar, usava saias longas e muito coloridas, pois não gostava de mostrar suas pernas após os acidentes. Casualmente, essa virou uma de suas marcas registradas, saias coloridas e roupas mais tradicionais da cultura mexicana.

Ela se casou aos 22 anos, com Diego Rivera. Ele também era pintor, e por muito tempo Frida foi conhecida como “a esposa de Rivera”, isso mudou ao longo dos anos. Foi um casamento conturbado, com muitas traições e traumas. Frida sonhava em ser mãe, mas devido ao acidente que sofreu, seu corpo não tinha condição de concluir uma gestação e por conta disso sofreu três abortos.

Suas obras revelavam seus sentimentos e assim como seus quadros, suas frases também ficaram muito famosas e contribuíram para que ela se tornasse um símbolo do feminismo. Uma frase que fala sobre seu trabalho é: “Pinto a mim mesma porque sou sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor”³. Quando Frida sofreu um dos seus abortos, pintou sobre isso no quadro “Hospital Henry Ford” (1932), expondo sua dor e tocando num tema que ainda hoje é considerado um tabu. Durante sua vida representou de muitas formas as suas dores e sentimentos fazendo com que vulnerabilidade fosse sinônimo de força na sua vida, como uma de suas frases diz “Amuralhar o próprio sofrimento é arriscar que ele te devore desde o interior”⁴.

Seu trabalho foi muitas vezes classificado como surrealista, mas a artista nunca concordou e dizia que apenas pintava a sua própria realidade “Pensaram que eu era surrealista, mas nunca fui. Nunca pintei sonhos, só pintei a minha própria realidade”⁵.

³ Extraído em: www.ebiografia.com/frases_de_frida_kahlo_para_conhecer_a_artista_mexicana/. Acesso em 10ago2022.

⁴ Idem nota 3.

⁵ Idem nota 3.

Embora seu casamento tenha sido complicado permaneceu casada com Diogo até o fim de sua vida. Faleceu jovem devido ainda ao acidente que sofreu aos 18 anos e sua forma de vida que acabou agravando os problemas. Amputou seus pés e nesse momento difícil de sua vida nos presenteou com mais uma de suas frases “Pés, para que os quero, se tenho asas para voar?”⁶.

Foi uma artista que lutou muito pelos seus sonhos e seus direitos. Foi a primeira mulher a tocar em alguns assuntos polêmicos e frágeis para época, alguns ainda nos dias de hoje. Representa a força e a luta feminina, por sua determinação e força. É até hoje uma artista que traz empoderamento com suas obras e com o que ela representa. Atualmente, a casa em que viveu é um museu onde se pode visitar e compreender um pouco mais de perto como foi a vida da artista.

Figura 9. Hospital Henry Ford, Frida Kahlo, 1932, Óleo sobre tela.



Fonte: WikiArt. Extraída em link:
<https://www.wikiart.org/en/frida-kahlo/henry-ford-hospital-the-flying-bed-1932>. Acesso em 11ago2022.

⁶ Idem nota 3.

Figura 10. As duas Fridas, Frida Kahlo, 1939, Óleo sobre tela.



Fonte: WikiArt. Extraída em <https://www.wikiart.org/pt/frida-kahlo/as-duas-fridas-1939>. Acesso em 11ago2022.

Louise Bourgeois (1911 - 2010)

Louise nasceu em 1911, em Paris. Foi uma artista que percorreu entre o século 20 e o 21, apresentando principalmente temas relacionados com suas emoções, sexualidade e memória. Sua arte contempla a pintura, gravura e principalmente escultura. Ao longo de sua vida, trabalhou temas que foram turbulentos em sua vida, como um processo de cura. Uma frase dela sobre seu ponto de vista ao próprio trabalho foi “Arte não é sobre arte. É sobre a vida, e isso resume tudo”⁷.

Na sua infância, viveu com seus pais em cima da galeria que eles trabalhavam com tapeçarias, que limpavam, restauravam e costuravam. Louise participava desse processo, enquanto era supervisionada pela mãe. Junto de Louise, sua mãe e seu pai, também vivia com ela a sua tutora, que era amante de seu pai. Essa situação trouxe para Louise muitos traumas e inseguranças ao longo da vida, tema que foi muito trabalhado em suas obras.

Quando começou a estudar, não foi imediatamente para o estudo das

⁷ Extraído em: <https://arteref.com/opinioao/como-ser-um-artista-segundo-louise-bourgeois/>. Acesso em 22set2022.

artes e por dois anos foi estudante de matemática e filosofia. Somente após o falecimento de sua mãe que Louise começou a estudar artes em diversos lugares e ateliês diferentes. Ela se casou em 1938 e foi quando se mudou para Nova York, lá ela continuou a estudar artes e também teve 3 filhos, conheceu diversos artistas, participou de exposições e teve sua primeira obra comprada pelo MoMA.

Louise foi uma ativista pelos direitos das mulheres e suas obras têm em grande parte uma ligação direta com o feminino. Os seus temas principais permeiam sobre o desejo inconsciente e em eventos que ela viveu, trabalhando muito a memória e a sexualidade. Suas obras são bem pessoais e expõem uma beleza e dor simultaneamente, como o processo de cura de Louise. Ficou conhecida por suas esculturas imensas de aranhas. Ela tinha um grande apreço pelo animal, comparava a aranha com a relação maternal, e principalmente como sua própria mãe, como ela afirmou

A aranha é protetora, a nossa protetora contra os mosquitos. [...] A outra metáfora é que a aranha representa a mãe. A minha mãe era a minha melhor amiga. Ela era inteligente, paciente, tranquilizadora, delicada, trabalhadora, indispensável e, sobretudo, ela era tecelã – como a aranha. Para mim, as aranhas não são aterradoras. [Louise Bourgeois: *Sculptures, Environnements, Dessins, 1938-1995*⁸.

Considerava a natureza uma forma de se comunicar, pois sempre teve isso muito presente em sua vida e, por isso, conseguimos ver a presença da natureza frequentemente em suas obras. Assim, seus temas principais foram muito repetidos e isso foi proposital. Louise acreditava que a repetição ajudava as pessoas a compreenderem melhor o que ela estava falando com suas obras, dando a oportunidade de revisitar o mesmo tema diversas vezes, mas sobre uma perspectiva diferente, assim como seu processo de cura.

Ela produziu até quando pode, faleceu com 98 anos, mas até onde pode, ela trabalhou em novos projetos e obras, apenas adaptando para que pudesse ter mais conforto. Adaptou materiais mais leves e macios para que pudesse fazer gravura, com tamanhos maiores para que pudesse ver melhor. Foi uma mulher muito determinada e apaixonada pela arte.

⁸ Extraído em iberecamargo.org.br/exposicao/spider-aranha-louise-bourgeois/. Acesso em 22set2022.

Figura 11. Maman, Louise Bourgeois 1999-2002, bronze, mármore e aço inoxidável.



Fonte: Guggenheim. Extraída em <https://www.guggenheim.org/artwork/10856>. Acesso em 22ago2022.

Figura 12. Janus Fleuri, Louise Bourgeois 1968, bronze.



Fonte: TATE. Extraída em <https://www.tate.org.uk/art/artworks/bourgeois-janus-fleuri-al00347>. Acesso em 22ago2022.

Barbara Kruger (1945)

Barbara Kruger nasceu em Nova Jersey em 1945, é uma grande artista. Conhecida principalmente por criar instalações com fotografia e colagem, mas trabalha com uma gama de outros materiais também.

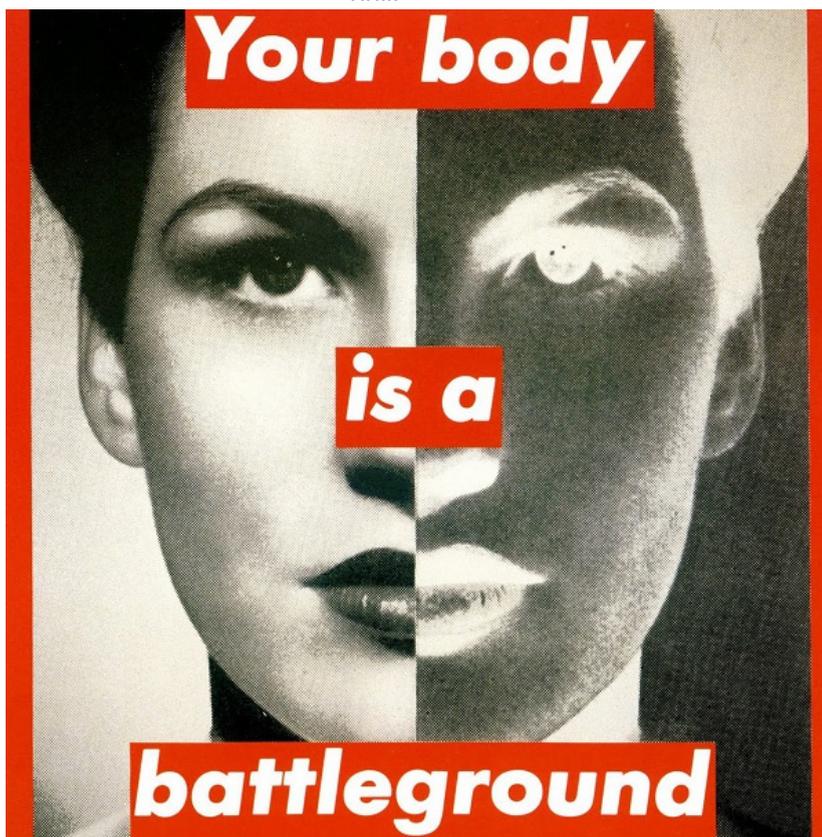
Teve o interesse em trabalhar com arte e design desde muito jovem e posteriormente foi estudar e se aprofundar na área, profissionalmente. Trabalhou como designer por alguns anos, mas sentia a falta de se expressar também como artista. Suas primeiras experiências com produção artística foram a partir de crochês e costuras, criando objetos que expressavam vivacidade e erotismo. Foi apenas em 1977 que sua produção artística começou a apresentar peças fotográficas com edição de imagem.

Barbara descobriu o poder das palavras e da leitura de imagens. Suas obras começaram a apresentar mensagens sarcásticas, com o propósito de incomodar ou inquietar o espectador. Se inspirou em capas de revistas e chamadas publicitárias para criar sua temática. Imagens em preto e branco com uma frase numa faixa vermelha se tornou a sua assinatura. Seu trabalho é composto por obras questionadoras, feitas para pensar e questionar. Nessas obras, Barbara trabalha o feminismo e críticas sociais, colocando em dúvida os papéis de gênero e outros temas problemáticos em sua visão.

A artista não é conhecida por ser uma grande fotógrafa, mas sim por vincular a fotografia com as mensagens que quer passar através delas, com frases ou palavras que acabam complementando a imagem e dando um significado muito maior à obra.

A produção da artista está presente em diversos locais, ocupando uma variedade bem diversa de espaços como: museus, galerias, camisetas, posts publicitários e até como suporte em manifestações políticas. Seu trabalho questiona diretamente os direitos das mulheres, com o intuito de deixar óbvio alguns absurdos da nossa sociedade.

Figura 13. Your body is a battleground, Barbara Kruger, 1989, serigrafia fotográfica em vinil.



Fonte: The Broad. Extraída em:
<https://www.thebroad.org/art/barbara-kruger/untitled-your-body-battleground>. Acesso em 28ago2022.

Figura 14. We don't need another hero, Barbara Kruger, 1986, serigrafia fotográfica em vinil.



Fonte: WikiArt. Extraída em:
<https://www.wikiart.org/en/barbara-kruger/untitled-we-don-t-need-another-hero-1986>. Acesso em: 28ago2022.

Rosana Paulino (1967)

Rosana é uma artista paulista que nasceu em 1967. Em suas obras, retrata a sua inquietação relacionada a ser uma mulher negra numa sociedade como a brasileira que foi fundada com uma base racista.

No seu percurso sempre teve vontade de falar sobre suas dores e expor seus sentimentos e pensamentos, antes de ir para o caminho das Artes Visuais, pensou em talvez encontrar esse conforto na literatura, mas logo descobriu que seu caminho era na arte visual. Estudou Comunicação e Artes na USP, se especializou em gravura, na London Print Studio em Londres e fez bacharel em gravura também na USP.

Explora, em seus trabalhos, a ancestralidade, memória, crítica ao racismo estrutural e também a luta das mulheres. Usa manipulação de imagem, gravura, bordado, pintura, impressão e uma enorme variedade de técnicas para compor suas obras.

A arte de Rosana é pessoal e histórica, retratando e muitas vezes recriando um conceito que ela considera um equívoco. Representa as dores e os traumas que seus ancestrais viveram e a superação de quem construiu um país mesmo após atos tão absurdos e traumáticos, como a escravidão e o machismo com mulheres negras, que se refletem ainda hoje na nossa sociedade. Suas obras representam a identidade do hoje e do passado, com uma ligação tênue, como a violência doméstica camuflada e o racismo estrutural e científico.

Rosana teve dificuldades de se inserir no mundo da arte como mulher negra e em uma entrevista para SP-ARTE, relatou que nem sempre tem espaço para mulheres negras nas universidades, pois além de muitas vezes não terem o ensino necessário para ingressar em uma universidade, às vezes necessitam logo começar a trabalhar para que consigam manter a família. E, quando isso consegue ser ultrapassado, ainda deve ser enfrentada uma universidade branca, eurocêntrica e machista. Os desafios são grandes, mas atualmente Rosana tem sido reconhecida como uma grande artista brasileira, que traz questões fundamentais para o estudo e valorização da arte. Possui

obras no MAM, na pinacoteca de SP, no MASP, museu Chateaubriand, UNM e no Afro-Brasil em SP.

Figura 15. Parede da Memória, Rosana Paulino, 1944-2015, aquarela, manta acrílica e fotocópia sobre papel colado em tecido e papel costurados.



Fonte: Globo. Extraída em:

<https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/noticia/2018/12/pinacoteca-encerra-ano-dedicado-mulheres-com-mostra-de-rosana-paulino.html>. Acesso em: 30ago2022.

Figura 16. Série Bastidores, Rosana Paulino, 1997, Bordado em bastidor com fotografia impressa.



Fonte: UFRGS. Extraída em: <https://www.ufrgs.br/arterversa/rosana-paulino/>. Acesso em: 30ago2022.

3 MULHERES ARTISTAS NO ENSINO DE ARTE ESCOLAR

Quando pensamos na mulher artista no ensino da arte, logo pensamos em representatividade, em presença, história e luta. Nas escolas, o repertório de artistas mulheres tem ainda mais importância, pois é lá onde muitos terão o primeiro contato com arte e o repertório que vemos presente nas aulas ainda necessita de acréscimos. Falar e escrever sobre a falta de visibilidade das minorias não é apenas uma tendência passageira, mas uma necessidade urgente, especialmente nas escolas, de modo que as crianças cresçam já com repertórios diversos que incluem artistas de distintos gêneros e culturas. É importante lembrar que há vários fatores que caracterizam os repertórios nas escolas, entre elas está a falta de recursos tecnológicos que dificulta o trabalho com imagens. Neste caso, a questão é até mais ampla, ou seja, está para além da escolha de artistas.

As imagens, independentemente de serem denominadas como imagens da arte, têm o poder de passar uma informação e, em muitos casos, reproduzem certos padrões sociais. Para Maria Paula Magalhães (2016), “já é sabido que certas imagens, sendo do campo artístico ou não, são usadas para perpetuar padrões sociais desejados” (p. 19) e, neste sentido, a sociedade reforça a ideia de papéis de gênero normativos e esperados por meio de ferramentas como: propagandas, fotografias, posts em mídias sociais, entre outros. Essas representações reiteram papéis e acabam influenciando a percepção e a ação esperada de homens e mulheres, contribuindo para a formação de estereótipos.

A escritora Chimamanda Adichie fala que:

[...] nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. (2009, min 1:43)

Esses aspectos movem o pensamento em direção dos repertórios imagéticos utilizados nas escolas. Que repertórios são utilizados na escola?

Que percepções e ideias eles estão auxiliando a construir? E, o que se pode fazer para ampliar os repertórios existentes? A seguir, trago alguns comentários daquilo que percebi em experiências durante o estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Evidentemente que é um recorte muito pequeno para dizer que minha percepção seria um padrão, mas é um olhar a partir de um contexto. Quando realizei observações, durante o estágio supervisionado, notei que as turmas receberam algumas imagens de obras de Monet para colorir, assim como bandeirinhas para recortar e pintar, por estar em época de festividades juninas e atividades religiosas. Observei ainda, bem no fundo da sala, pilhas de livros didáticos de artes, todos lacrados, e no armário de artes, diversas imagens de obras, todas de artistas homens. As observações ocorreram no primeiro ano de aula pós pandemia da COVID-19 e notei que os alunos não tinham muito repertório das Artes Visuais, talvez este cenário seja resultado do período em que o colégio não conseguiu manter as aulas online e de artes como seria o adequado.

No momento em que iniciei minha prática, também durante o estágio, fiz uma pergunta introdutória aos alunos: “Vocês conhecem algum artista?”. A esta pergunta recebi algumas respostas nas quais foram citados Picasso e Van Gogh e surgiu, em meio aos burburinhos, um “monalisa”. Fui ainda mais específica e perguntei se alguém poderia me dizer alguma artista visual mulher, mas em nenhuma das cinco turmas em que atuei obtive resposta. Já em outro momento, contando sobre a história da mulher na sociedade e na arte, percebi muita indignação e empatia dos alunos com como essas artistas que apresentei foram vítimas de uma sociedade machista. Então, desde os momentos de observação até os primeiros momentos em sala de aula como professora de estágio senti a necessidade de trazer nas minhas aulas um repertório de contextualização histórica e introduzir estes alunos no contexto social das artes visuais, em especial no que se refere a mulheres artistas. Para que assim pudesse auxiliar, de alguma forma, na construção de um pensamento crítico e curioso sobre artistas que ainda não conheciam, e acessar sentimentos sobre um assunto tão importante e representativo.

Para ter um panorama mais amplo sobre as mulheres artistas no contexto escolar, Silva (2016), em sua pesquisa, mostra como a representação

de mulheres artistas está presente em livros didáticos de arte. A autora pesquisou em quatro livros didáticos, aprovados pelo PNLD 2017 e distribuídos para escolas públicas brasileiras, artistas brasileiros cujas obras estavam representadas nos livros e fez uma comparação quantitativa entre mulheres artistas brasileiras e homens artistas brasileiros. A análise foi realizada em dois livros didáticos do 6º ano e dois livros do 8º ano do Ensino Fundamental. Como resultado desta pesquisa a pesquisadora constatou um número significativamente inferior de mulheres artistas em comparação a homens.

Figura 17. Comparação da representação de mulheres e homens artistas em livros didáticos

	Artistas Homens Brasileiros	Artistas Mulheres	Artistas Mulheres Brasileiras
Coleção Por Toda Parte 6º	13	5	5
Coleção Por Toda Parte 8º	8	9	6
Coleção Mosaico 6º	13	10	5
Coleção Mosaico 8º	14	5	3
TOTAL	48	28	18

Fonte: Silva (2016, p. 21)

Tendo em vista minhas percepções na escola e as observações apontadas por Silva (2016) entende-se que é preciso problematizar a falta de diversidade de representações e compreender como isso pode afetar a construção das identidades das mulheres, perpetuando estereótipos. Assim, minha inquietação sobre a presença limitada, ou inexistente, de mulheres artistas nos repertórios escolares me motivou a pensar uma proposta de projeto de ensino a qual foi realizada durante o estágio de docência.

Realizei meu estágio obrigatório, em 2022, em turmas do 6º ao 9º ano, em uma escola estadual de Ensino Fundamental, situada no bairro São Geraldo, em Porto Alegre/RS, a mesma escola em que estudei dos 3 até os 14 anos. Isso tornou meu projeto pessoal, já que foi lá onde criei minhas primeiras memórias do ensino de artes visuais, e comecei a criar meu repertório.

Para realizar esta proposta, realizei uma curadoria de obras a partir de

um repertório de artistas mulheres que em sua história tiveram seus nomes ocultados em suas obras, artistas feministas e, que por vezes, mesmo com suas produções fortemente disseminadas, nem sempre tem sua história conhecida ou, ainda, pela diversidade técnica na produção artística e de nacionalidade. O objetivo desta seleção foi enriquecer o repertório dos alunos, mostrando uma variedade de artistas visuais mulheres e contextualizando historicamente a lacuna que temos por não ter este conhecimento em sala de aula. Para isso, foram pensadas estratégias de aulas expositivas, produções artísticas e textuais.

Organizei o projeto de ensino pensando em, além da ampliação do repertório, trazer representatividade. Conhecer artistas mulheres que, talvez, tenham histórias próximas aos sentimentos dos jovens, pode ser um propulsor para se sintam capazes e inspirados a elaborar um pensamento crítico sobre direitos e empatia.

Sendo assim, ao longo do desenvolvimento do projeto, foram apresentadas seis artistas, quais sejam: Artemisia Gentileschi, Margaret Keane, Frida Kahlo, Louise Bourgeois, Barbara Kruger e Rosana Paulino. Com essa abordagem, tentou-se promover discussões sobre representatividade e igualdade de gênero no cenário artístico. Durante os encontros realizados com os alunos foram realizadas ações de leitura e discussão das imagens apresentado o contexto histórico das artistas. A seguir, a proposta realizada será apresentada em três momentos distintos.

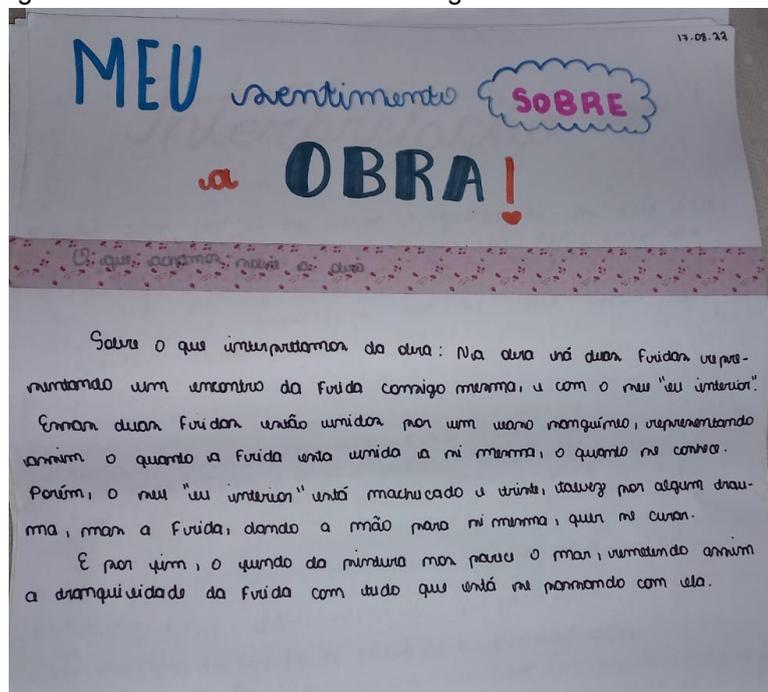
No primeiro momento, realizei uma introdução da mulher na sociedade, para que tivessem um contexto social de como as coisas aconteceram até os dias de hoje. Na sala de aula de artes, tive o apoio de uma televisão em que apresentei em alguns slides com imagens e tópicos para debatermos, em ordem cronológica. Debatermos desde o direito ao voto até quem mais faz as tarefas domésticas em suas próprias casas hoje. Neste momento de falar sobre quem realiza as tarefas domésticas em casa, a maioria respondeu que era a mãe e alguns que era tudo dividido. Com isso, os alunos começaram a perceber que muita coisa mudou, mas que ainda temos mudanças pela frente.

Neste momento os alunos descobriram várias informações que sequer

imaginavam sobre a história da mulher na sociedade, debatendo questões do artigo “Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo”⁹ da revista “Nossa Causa”, como por exemplo, que a mulher só pode frequentar a escola a partir de 1827, também descobriram que até 1962 as mulheres precisavam da autorização do marido para trabalhar, que a lei de importunação sexual só passou a existir em 2018, validando assédio como crime. Foi um momento de bastante desconforto, já que nem sempre é fácil trazer esses dados para uma sala de aula, mas foi este desconforto que trouxe a empatia e a vontade de fazer parte de uma luta por direitos.

No segundo momento, foi organizada uma apresentação e estudo de artistas mulheres, durante este encontro, as turmas ficaram bem animadas com a ideia de conhecer as artistas. A única artista mulher que já tinham visto foi a Frida Kahlo, mas sem terem estudado sobre suas obras ou conhecendo sua história de vida, e sim por estampas de camisetas, bolsas, cadernos... Então, as turmas ficaram bem curiosas em saber quem era a mulher naquelas estampas. Fizemos uma leitura de imagem com a obra “As duas Fridas”.

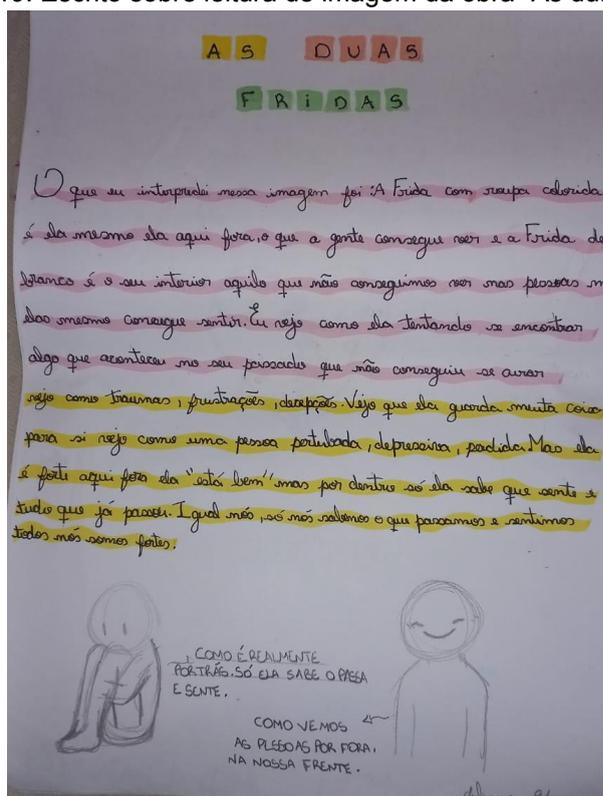
Figura 18. Escrito sobre leitura de imagem da obra “As duas Fridas”



Fonte: a autora

⁹ Extraído em <https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/>. Acesso em 17 ago 2023.

Figura 19. Escrito sobre leitura de imagem da obra "As duas Fridas"



Fonte: a autora

Fiquei bem surpreendida com o modo como os alunos debateram e refletiram a partir das imagens apresentadas, de como prestaram bastante atenção e se identificaram com a história da artista. E essas reflexões incentivaram uma maior sensibilidade para além dos "grandes mestres", mostrando a pluralidade e potencial criativo que existe nas artistas mulheres. Essa descoberta foi enriquecedora para o processo de aprendizado, permitindo que os alunos enxergassem o mundo artístico de forma mais inclusiva e representativa.

Já as outras artistas foram inéditas para os alunos. Além de conhecer um pouco da história de cada uma, fizemos uma leitura de obras de cada uma das artistas. Esta ação gerou muito debate sobre os significados que eles acreditavam ter em cada obra, e foi bem interessante perceber que em vários momentos eles trouxeram referências dos estudos sobre a mulher na sociedade, como pontos de encontrar referências críticas nas obras selecionadas.

Realizamos ainda, um momento reflexivo sobre as semelhanças entre

as artistas selecionadas, e alguns conseguiram perceber que, por exemplo, a Margaret Keane e a Artemisia Gentileschi tiveram a autoria das obras roubadas, mesmo com 300 anos de distância entre uma vida e outra. Mas que também conseguiram reivindicar seus direitos e lutaram para que outras mulheres não tenham que passar pelo mesmo no futuro.

Ao final, algumas alunas vieram me chamar para falar como se identificaram com alguma parte da história das artistas, principalmente nas partes que falamos sobre padrões estéticos, em que elas sentem muita pressão.

Já no terceiro momento, foram propostas atividades de produção artística, nas quais pedi para que pintassem uma mulher inspiradora. Surgiram resultados bem variados, pinturas de mãe, personagem de jogo, jogadora de futebol, autorretrato, algumas artistas visuais e cantoras e até obras que manifestaram algum protesto.

Figura 20. Pintura de aluno, mulher inspiradora.



Fonte: a autora

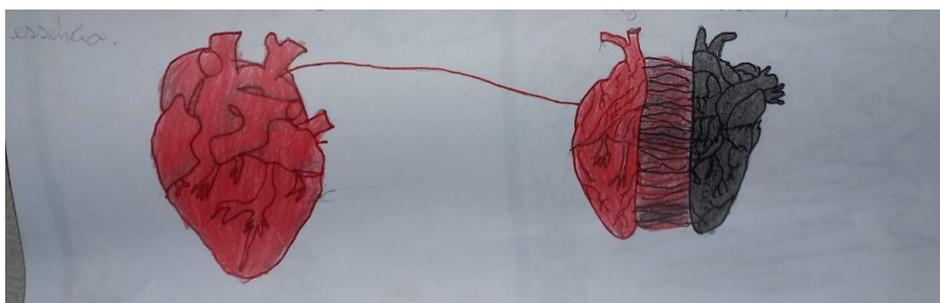
Figura 21. Desenho de aluna, mulher inspiradora.



Fonte: a autora

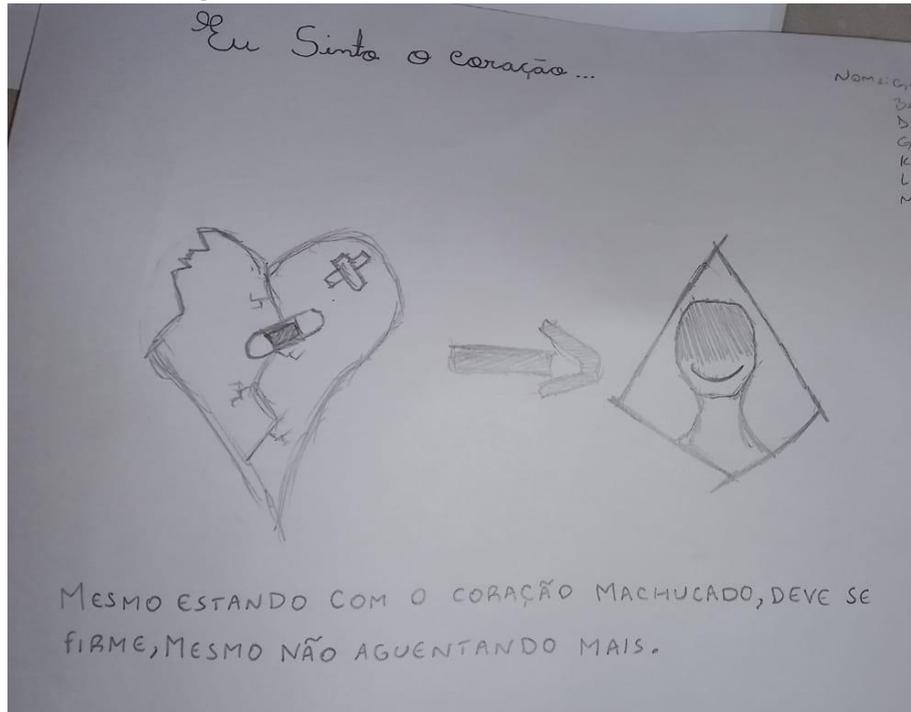
Durante este processo de criação fui conversando com os alunos sobre as motivações para escolherem estas mulheres, por ser época de copa do mundo, notou-se a presença de jogadoras de futebol. Interessante notar que a maioria dos alunos que desenhou a mãe era do sexto ano, ou seja, os mais novos. As cantoras que apareceram foram uma identificação de letras musicais e histórias de vida. Já sobre a presença de artistas visuais nas produções, a maioria representou alguma obra de Frida Kahlo ou sentimentos relacionados a tudo que estudamos sobre a artista. Nestas conversas durante a produção algumas meninas me relataram que muitas vezes se sentem reprimidas e julgadas, em casa e na escola, e que colocaram pra fora em forma de desenho.

Figura 22. Desenho do aluno sobre sentimentos.



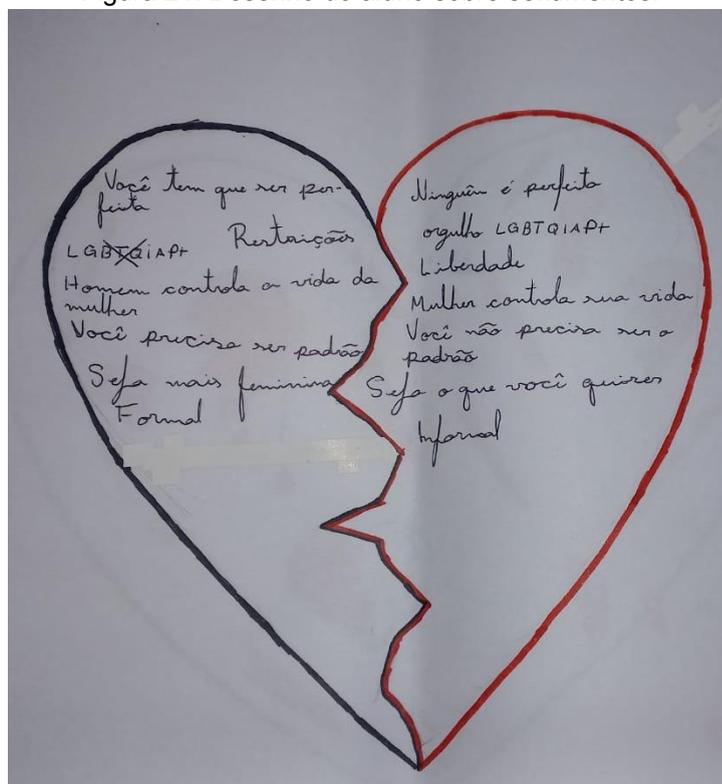
Fonte: a autora

Figura 23. Desenho de aluno sobre sentimentos.



Fonte: a autora

Figura 24. Desenho do aluno sobre sentimentos.



Fonte: a autora

Em suma, a jornada de explorar a história das artistas mulheres e trazer sua representatividade para a sala de aula revelou-se uma experiência transformadora. Ao proporcionar aos alunos um vislumbre das lutas, conquistas e contribuições muitas vezes esquecidas, o projeto não apenas enriqueceu seus repertórios culturais, mas também os incentivou a refletir sobre a importância da igualdade de gênero e da busca por direitos justos. Enfrentar os desconfortos e as injustiças históricas despertou nos estudantes não apenas a empatia, mas também a vontade de serem agentes de mudança, comprometidos com a construção de um futuro mais inclusivo e consciente.

CONCLUSÃO

Este trabalho, que problematizou a mulher na sociedade e, principalmente, como artista no contexto das Artes Visuais, traz recortes de uma proposta educativa realizada no contexto do ensino das Artes Visuais na escola. Para isso traz uma breve discussão sobre o percurso da mulher na sociedade e a mulher na arte, para que este embasamento auxiliasse na compreensão de um contexto social que acarretou no apagamento de mulheres artistas. Neste processo, foi constatado que as mulheres tiveram momentos difíceis para validar suas conquistas e direitos, tendo que lutar por um lugar na escola, pelo direito ao voto, e até mesmo lutar pela autoria de seus próprios quadros. Em meu percurso escolar não lembro de um repertório de artistas mulheres e, a partir, desta falta que senti na minha experiência, optei por levar, em minhas práticas de docência no estágio obrigatório, um repertório para além dos “grandes mestres”, não tirando a importância deles, apenas agregando grandes artistas mulheres.

Ao levar o tema para sala de aula, percebi ainda mais a falta desse repertório. Quando perguntei sobre artistas mulheres, obtive uma resposta nula, mas o interesse dos alunos surgiu quando iniciamos as aulas de contexto histórico. Foram abordadas aulas expositivas sobre a história da mulher na sociedade e também sobre a mulher na história da arte, a partir deste embasamento, realizamos leituras de imagens e conhecemos algumas artistas mulheres, com linguagens artísticas variadas e contextos culturais diferentes.

Este projeto de aula revelou resultados variados e muito satisfatórios, tornando os alunos mais empáticos e curiosos sobre a história da mulher, na minha opinião, conhecer o passado auxilia a não cometer os mesmos erros, e já senti diferença nestes alunos, em que meninos e meninas se preocuparam e se incomodaram com as diferenças sociais apresentadas no contexto histórico da mulher, e também não entendiam os motivos de não conhecerem artistas mulheres.

Meu objetivo, para o futuro, como professora, é manter projetos que

incluem repertórios variados e que sejam inclusivos. Trazendo a maior variedade de técnicas e de artistas, sendo de localidades, épocas e gêneros variados, para assim, ampliar o repertório de artistas e compreender a importância de ter essa representatividade diversa em sala de aula. Eu, como artista visual, senti falta de conhecer artistas mulheres nos meus primeiros contatos com a arte, e ter visto alunas se identificando e querendo saber mais sobre as artistas, me fez compreender que o trabalho está indo no caminho certo.

Portanto, entendo que todo o ensino de artes visuais, deve representar a diversidade étnica, cultural e de gênero sempre que possível, para que os alunos possam ampliar seus repertórios, conhecer a história da arte e os contextos que fizeram ela acontecer da forma que aconteceu. Bem como promover a representatividade principalmente neste momento em que os alunos estão desenvolvendo novos interesses.

É fundamental compreender a história da mulher na sociedade e na arte, pois isso vai além de preencher lacunas nos registros históricos. Essa busca nos conecta com as lutas e conquistas das mulheres, revelando suas contribuições frequentemente subestimadas. Ao entender como as mulheres moldaram nossa sociedade e expressaram suas visões por meio da arte, ganhamos perspectiva sobre as desigualdades enfrentadas e a resiliência demonstrada ao longo dos séculos.

Além disso, estudar a história da mulher na arte e na sociedade é um passo essencial para promover a igualdade de gênero e empoderar futuras gerações. Ao destacar os desafios superados por mulheres em diferentes épocas, inspiramos mudanças positivas no presente. Conhecimento é poder, e ao reconhecer as realizações passadas, fortalecemos a capacidade das mulheres de reivindicar seu espaço e influenciar o futuro de maneira mais equitativa.

Essa jornada histórica nos ajuda a redefinir narrativas, questionar estereótipos e reconhecer a diversidade de experiências das mulheres. Ela nos ensina que o progresso é resultado de esforços coletivos e individuais, e que a história das mulheres merece ser contada, celebrada e honrada. Portanto,

conhecer e compartilhar essa história é uma maneira poderosa de ampliar horizontes, fomentar mudanças sociais positivas e construir um futuro mais inclusivo e igualitário.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The Danger of a Single Story**. TED Global, 2009. Disponível em:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story

Acesso em: 10/07/2023.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos Feministas**. Brasil. Editora Companhia das Letras, 2014.

AIDAR, Laura. **17 frases de Frida Kahlo para conhecer a artista mexicana**. Disponível em:

https://www.ebiografia.com/frases_de_frida_kahlo_para_conhecer_a_artista_mexicana/ Acesso em: 10/08/2022.

ALPERS, Svetlana. Art History and its exclusions: the example of Dutch Art. In: BROUDE, Norma; GARRARD, Mary D. **Feminism and Art History**. Oxford: Westview, 1982. p. 183-199.

ARTE REF. **A participação das mulheres na história da arte**. Disponível em: <https://arteref.com/opiniao/instituto-tomie-ohtake/a-participacao-das-mulheres-na-historia-da-arte/>. Acesso em: 12/09/2022.

Arte ref; **Como ser um artista, segundo Louise Bourgeois**. Disponível em: <https://arteref.com/opiniao/como-ser-um-artista-segundo-louise-bourgeois/>.

Acesso em: 30/08/2022

BORZELLO, 2000. **A world of our own: women as artists**. London: Thames & Hudson, 2000.

CAROLINA, Isa. **Olá, mamãe! A monumental aranha de Louise Bourgeois**. Disponível em:

<https://fcs.mg.gov.br/ola-mamae-a-monumental-aranha-de-louise-bourgeois/>.

Acesso em: 30/07/2022.

CAVALCANTI, Vanessa R. S. Mulheres em ação: revoluções, protagonismos e práxis dos séculos XIX e XX. In: **Proj. História**, São Paulo, (30), p. 243-264, jun. 2005. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/2265/1358/4583>. Acesso em: 25 mai. 2023.

Celeb True. **Barbara Kruger é uma artista conceitual americana, mais conhecida por suas fotografias em preto e branco sobrepostas com legendas poderosas**. 2022. Disponível em:

<https://pt.celeb-true.com/barbara-kruger-american-conceptual-artist-best-known-black-white> Acesso em: 01/09/2022

COOVADIA, Aalia. **'We Don't Need Another Hero' by Barbara Kruger**. Disponível em:

<https://medium.com/@aaliacoovadia/postmodern-features-explained-through-w>

[e-dont-need-another-hero-by-barbara-kruger-b7a1668fc683](#). Acesso em: 31/07/2022.

CONEGLIAN, Junior. **Artistas mulheres que tiveram obras atribuídas a homens**, Disponível em: <https://www.leiaja.com/cultura/2020/06/02/artistas-mulheres-que-tiveram-obras-atribuidas-homens/>. Acesso em: 20/09/2022.

Das Artes. **AS ICÔNICAS ESCULTURAS DE ARANHAS DE LOUISE BOURGEOIS TÊM UMA HISTÓRIA SURPREENDENTE**. Disponível em: <https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/as-iconicas-esculturas-de-aranhas-de-louise-bourgeois-tem-uma-historia-surpreendente-veja-4-curiosidades/>. Acesso em: 20/08/2022

DAVIES, Penelope J. E. et al. **A nova história da arte de Janson: a tradição ocidental**. 9. ed. Tradução de Marta Daniel Dias. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

DE PAULA, Joy. **O Mundo de Kruger: o orgulho feminista e o seu real significado**. Disponível em: <https://arteref.com/arte/o-mundo-de-kruger-o-orgulho-feminista-e-o-seu-real-significado/>. Acesso em 01/09/2022.

EFEITO ORNA. **Margaret Keane: Quadros famosos, nome desconhecido**.. Disponível em: <https://comunidade.efeitoorna.com/blog/margaret-keane-quadros-famosos-nome-desconhecido> Acesso em: 16/08/2022.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Frida Kahlo**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/frida_kahlo/ Acesso em 10/08/2022

FUKS, Rebeca. **Quadro As Duas Fridas de Frida Kahlo (e seu significado)**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/quadro-as-duas-fridas-frida-kahlo/>. Acesso em 31/07/2022.

Fundação Iberê, **Spider**. Disponível em: iberecamargo.org.br/exposicao/spider-aranha-louise-bourgeois/. Acesso em 30/08/2022.

GUARALDO, Luciano. **Morre Margaret Keane, pintora que inspirou o filme Grandes Olhos**. Disponível em: <https://tangerina.uol.com.br/mix/margaret-keane-grandes-olhos-obituario/> Acesso em: 16/08/2022.

IMBROISI, Margaret. **ARTEMÍSIA GENTILESCHI**.. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/artemis-gentileschi/#:~:text=Artemisia%20Gentileschi%2C%20ganhou%20notoriedade%20nos,Academia%20de%20Arte%20de%20Florença>. Acesso em 12/09/2022.

INDAGAÇÃO. **UEL 2018: A artista norte-americana Barbara Kruger apropria-se de imagens de revistas**. Disponível em:

<https://www.indagacao.com.br/2018/08/uel-2018-artista-norte-americana-barbara-kruger-apropriar-se-de-imagens-de-revistas.html>. Acesso em: 31/07/2022

KEANE EYES GALLERY. **Keane eyes gallery**. Disponível em: <https://www.keane-eyes.com>. Acesso em: 16/08/2022.

MIGLIACCIO, Luciano. **Histórias de artistas mulheres**. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/migliaccio-mulheres-artes-ea/> Acesso em: 20/09/2022.

NARVAZ, Martha; KOLLER, Silvia. **Families and patriarchy: from normative prescription to creative subversion**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkPBDpL4Xn/?lang=pt> Acesso em 12/09/2022.

NOCHLIN, Linda. **Why have there been no great women artists?**. Colorado: Westview, 1989a.

OLIVEIRA ALVES, Bruno; SILVEIRA, Luciana. **Os deslocamentos de sentido na série Bastidores, de Rosana Paulino**. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/talent-blog/referencia-bibliografica-abnt/#:~:text=Para%20fazer%20a%20referência%20de,data%20de%20publicação%20da%20obra>. Acesso em 30/07/2022.

OLIVEIRA, Cristiane. **Artemisia Gentileschi: breve biografia**. Disponível em: <https://guiaflorenca.net/arte/artemisia-gentileschi-breve-biografia/>. Acesso em: 26/07/2022.

PAULINO, Roseli. **BIOGRAFIA DE ÉDOUARD MANET E SUAS PRINCIPAIS OBRAS**. Disponível em: <https://arteartistas.com.br/biografia-de-edouard-manet-e-suas-principais-obras/> Acesso em: 12/09/2022.

Infopédia. **Barbara Kruger**. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$barbara-kruger](https://www.infopedia.pt/$barbara-kruger) Acesso em: 01/09/2022.

PULEO, Alicia. **Filosofia de Gênero e Pensamento Crítico**. Disponível em: www5.uva.es/catedraestudiosgenero/IMG/pdf/filosofia_e_genero.pdf. Acesso em: 20/09/2022.

RAGO, Margaret. As mulheres na historiografia brasileira. In SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995. Disponível em https://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf. Acesso em: 01/06/2023.

RAGO, Margaret. **Gênero e História**. Disponível em <https://we.riseup.net/assets/179824/Margareth%20Rago%20G%C3%AAnero%20e%20Hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 01/06/2023.

RAMOS, Luciana. **Pinacoteca encerra ano dedicado às mulheres com mostra de Rosana Paulino**. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/noticia/2018/12/pinacoteca-encerra-ano-dedicado-mulheres-com-mostra-de-rosana-paulino.html>. Acesso em:

01/09/2022

ROQUE, Maria. **A mulher na arte: mais objeto que sujeito.** Disponível em: <https://amusearte.hypotheses.org/2192>. Acesso em: 08/09/2022.

PAULINO, Rosana. **Vídeos e lives.** Disponível em: <https://rosanapaulino.com.br/videos-e-lives/>. Acesso em 01/09/2022.

SALVÁ, Camila. **AS MULHERES NA ARTE: UMA HISTÓRIA AINDA POUCO CONHECIDA.** Disponível em: <https://institutoling.org.br/explore/as-mulheres-na-arte-uma-historia-ainda-pouco-conhecida>. Acesso em: 10/09/2022.

SATOU, Danilo. **A representatividade da mulher na arte.** Disponível em: centrocultural.sp.gov.br/2020/03/06/a-representatividade-da-mulher-na-arte/. Acesso em: 12/09/2022.

SLATKIN, Wendy. **Women artists in history: from Antiquity to the 20th century.** 2nd ed. Englewood Cliffs (New Jersey): Prentice Hall, 1990.

SILVA, Maria. **QUAL O ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO DE ARTE? UM OLHAR EM RECORTE.** Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/151292>. Acesso em: 05/07/2023.

TEDESCO, Cristine. **Artemisia Gentileschi.** Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/artemisia-gentileschi-2/>. Acesso em 08/08/2022.

TEXEIRA, Marina. **Ser artista negra: o olhar de Rosana Paulino sobre passado, presente e futuro.** Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/ser-artista-negra-o-olhar-de-rosana-paulino-sobre-passado-presente-e-futuro/>. Acesso em: 01/09/2022.

VELASCO, Irena. **A história de Artemisia Gentileschi, a pintora violentada que se vingou pela arte em pleno século 17.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-38594660>. Acesso em: 26/07/2022.

VILELA, Lorraine. **Frida Kahlo.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/frida-kahlo.htm>. Acesso em: 10/08/2022.